



QUERIDO, Fábio Mascaro. **Michael Löwy**: marxismo e crítica da modernidade. São Paulo: Boitempo; Fapesp, 2016. 199p. ISBN 978-85-7559-483-4

Fábio Py *

O livro de Fábio Mascaro Querido, *Michael Löwy: marxismo e a crítica da modernidade*, é de importância para a sociologia crítica e para o pensamento social-religioso brasileiro, pois traça a trajetória, as ideias e as razões que anuviam quase sessenta anos de atividade intelectual de Félix Michael Löwy, conhecido como Michael Löwy. Ousadamente, a obra expõe o *corpus* literário vasto do intelectual Michael Löwy, dividindo a caminhada do professor do *École des Hautes Etudes em Sciences Sociales* (EHESS - Paris) em seis partes/ênfases, vernizadas com altas doses de um marxismo heterodoxo avesso a dogmatismos. A primeira temática atacada por Fábio Mascaro Querido é justamente um dos últimos interesses de Michael: a ecologia. Como bem indica Fábio, Michael Löwy relaciona a temática ao lastro do capitalismo moderno quando, no contemporâneo, o mesmo se faz pela lógica exploradora numa crise ecológica – crise de civilização. Para Michael, uma saída para a relação exploradora (desigual) seria a construção de uma ecologia social, ou ecossocialismo, que ajudaria até a renovação de utopias marxistas.

Resenha recebida em 10 de agosto de 2016 e aprovada em 14 de dezembro de 2016

* Doutor em Teologia. Pós-doutorando em Ciências da Religião no PPCIR da UFJF. País de origem: Brasil. E-mail: pymurta@gmail.com.

Nas palavras de Fábio Mascaro Querido, Michael Löwy enfrenta assim o tema: a *“existência da ‘crise ecológica’ – ou melhor, da crise do modelo civilizatório vigente – desdobra-se, portanto, em um parâmetro a partir do qual se recolhem aportes para renovação crítica do marxismo”* (p.43). Fábio assume que *“desde meados da década de 1970, é possível perceber a emergência vertiginosa de uma crise ecológica sem precedentes resultado do ímpeto destrutivo do capitalismo que, naquele momento, re-organiza significativamente os parâmetros de acumulação e reprodução ampliada do capital”* (p.27). O que vem se compondo para Michael Löwy é um aprofundamento de múltiplas crises, *“econômica, ecológica, sociais, e políticas, que se determinam e se sobre determinam”* (p.29), obrigando-o a formular um ecossocialismo como corrente de ação que engloba *“as teorias e os momentos que aspiram e subordinam o valor de troca de uso, organizando a produção em função das necessidades sociais e das exigências de proteção do meio ambiente”* (p.28).

Seguindo este livro sobre uma figura tão singular como Michael Löwy, tem-se, no segundo capítulo, sua trajetória individual. Distinguem-se os momentos de estudos na graduação na Universidade de São Paulo, USP, até a docência nos EHESS. Desde “O Grupo do Capital” – na graduação de Ciências Sociais na USP – à militância luxemburgista da juventude dois personagens são fundamentais: Lukács, destaque nas discussões no “O Grupo do Capital”, e Lucien Goldmann, com quem fez sua tese de doutorado – inspiração direta na construção de uma sociologia marxista da cultura para perceber a teoria da revolução no jovem Marx. Interessante que Michael Löwy se define como um *“neogoldmaniano de esquerda”*, amparando-se especialmente na obra de Rosa Luxemburgo contra qualquer autoritarismo do comunismo vulgar. Por meio da socialista alemã, começa a analisar criticamente os cristianismos originários, postando-se contra as estruturas clericais. Conjuntamente, na sua tese de doutoramento, apoiou-se no próprio Georg Lukács, assumindo a categoria totalidade *“continuadora da ciência revolucionária de Marx”* (p.54). Outro ponto de influência de Goldmann firma-se

no livro “*Le Dieu caché*”, quando liga o pensamento de Pascal e o teatro Racine, discutindo, nesse traço, a chamada “*visão trágica do mundo*” (p.62).

Na década de 1960, Löwy ingressa na *Ligue Communiste Révolutionnaire*, LCR, seção francesa da Quarta Internacional, relacionando-se ativamente com o trotskismo. Por meio desse, assumiu um marxismo dialético junto à teoria do desenvolvimento desigual e combinado, tencionando o imperialismo, rompendo com o evolucionismo e o eurocentrismo. Por Trotski, propõe uma “*reflexão dialética, não-linear e aberta da história, capaz de penetrar na dinâmica concreta das formações sociais analisadas, relacionado-as aos desdobramentos cada vez mais universais do capitalismo imperialista*” (p.70). Mesmo que tenha aderido a algumas teses de Trotsky, Michael Löwy desenvolve críticas tecidas pela revolucionária Rosa Luxemburgo que tangem os enredos da dialética teoria-prática.

Outro destaque do livro de Fábio Mascaro Querido é a apropriação que Michael Löwy faz de Walter Benjamin e sua crítica marxista do progresso. Por esta via, elabora questionamentos do “*discurso filosófico que pretende sustentar a racionalidade e do progresso histórico do estar*” (p.73). Fábio supõe que a descoberta deste filósofo alemão levou Michael Löwy a dar passo à frente do marxismo lukasciano e goldmaniano, “*desfazendo suas certezas, transformando hipóteses e alguns dos dogmas*” (p.74), assumindo *Teses sobre conceito de história* (de Walter Benjamin) como o documento mais significativamente revolucionário desde as *Teses sobre Feuerbach* de Marx e, ao mesmo tempo, versado nas místicas antiestruturais. De Walter Benjamin também toma sua potencialidade crítica do romantismo, em que se localizaria uma temporalidade abstrata, base crítica de seu “*anticapitalismo romântico recusando por esse as ideologias do progresso*” (p.75). Apóia-se no projeto de Benjamin, *Das Passagens*, quando o passado torna-se um “*prelúdio necessário de sua evolução posterior ao presente*” (p.78). Junto a esses elementos, mais dois se inspiram em Walter Benjamin: primeiro, a tradição dos oprimidos, dos vencidos da história contra a temporalidade vazia do progresso

capitalista; e, segundo, o entendimento de que a história seria um sinal da catástrofe permanente, uma dialética ‘pesada’ do progresso.

O livro de Fábio Mascaro Querido destaca também que Max Weber é outro autor importante nos trabalhos de Michael Löwy, preocupado em traçar (de forma generosa) uma leitura anticapitalista do sociólogo das religiões de Heidelberg. Diz que sua atração pela sociologia da religião vem desde sua tese sobre a evolução política no jovem Lukács, especialmente a partir do interesse pelo “Círculo Max Weber de Heidelberg”. Sobre o círculo, Fábio Mascaro Querido escreve que “o anticapitalismo romântico já era um pressuposto fundamental para análise de trajetória de Lukács”, e que “aproximou Löwy das temáticas levantadas por esta tradição alemã de pensamento social e, em particular, pela obra de Weber” (p.101). Michael tece a operação teórica inspirado no seu orientador Lucien Goldmann, incorporando criticamente a obra weberiana, por exemplo, na utilização da ideia de “consciência possível” (p.102). Querido lembra que Michael Löwy fez, em vários momentos, uso do conceito de “tipos ideais” e de “afinidades eletivas” de Weber – até por sua inserção acadêmica na sociologia da religião no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS/EHESS) de Paris. Durante todo o tempo, Michael Löwy interpreta Weber tentando recuperar “a dinâmica cultural na explicitação da realidade cultural, reafirmando a necessidade de uma crítica do capitalismo moderno na sua totalidade” (p.105). Dois elementos finais valorizados por Fábio Mascaro Querido e inspirados em Weber, na obra de Michael Löwy, seriam a noção dialética do *Kulturpessimismus* na formação de um marxismo weberiano ou da radicalização anticapitalista de Weber – este, a partir de uma linhagem mística antimoderna com Georg Lukács, Ernst Bloch e Walter Benjamin.

No penúltimo capítulo do livro, Fábio Mascaro Querido destaca no *corpus* literário de Michael Löwy seu aporte romântico anticapitalista e o marxismo. Para tanto, Michael Löwy condiciona de forma marxista o anticapitalismo romântico, redefinindo o conceito de romantismo com doses do imaginário religioso, como uma “visão social do mundo, uma estrutura básica de sentimento que, desde

meados do século XVIII até os dias atuais, atravessa as mais diferentes manifestações socioculturais, da arte à política, passando pela filosofia, historiografia, pela política e pela teologia” (p.127), de “oposição ao mundo burguês moderno” (p.127), por meio de “certos valores sociais e culturais pré-capitalistas” (p.127). Nisso, o livro de Michael Löwy e Sayre se inspira também nas análises de Luciën Goldmann, ao entender o romance “*como expulsão de conflito entre a sociedade burguesa e alguns valores qualitativos*” (p.124). Ao mesmo tempo, ambos os autores se inspiram em Georg Lukács, preceptor de que faces do “romantismo se opunham ao capitalismo” (p.128). Para Löwy e Sayre, o romantismo constituiu-se numa oposição ao mundo burguês moderno, vindo desde a formação e acompanhando criticamente o desenvolvimento da modernidade capitalista: com industrialismo e generalização da economia de mercado.

No último capítulo do livro, Fábio Mascaro Querido traz à tona o tempo presente, o qual impõe a *necessidade de reativação do excedente utópico instalado no coração da concepção marxiana do comunismo*” (p.187), fazendo a recorrência das utopias, impregnadas pelo romantismo e pela imaginação humana. Nesse ponto, o autor destaca que Michael Löwy se preocupa com a corrente do messianismo judaico, com suas utopias libertárias, evocando nomes como Franz Rosenzweig, Martin Buber e Gershom Scholem. De igual modo, tem destaque na obra os anarquistas religiosos judaizantes como Gustav Landauer, Franz Kafka e Benjamin. Da mesma forma, os judeus assimilados (ou ateus-religiosos) como “*Ernst Toller, Ernst Bloch e Georg Lukács*” (p.163). Outro dado da atualidade na obra de Michael Löwy seria seu interesse pela Teologia da Libertação, construindo o conceito de “cristianismo da libertação”, em seu premiado *A Guerra dos Deuses*, livro escrito com o aumento de suas visitas ao Brasil, quando do aprofundamento do dado do cristianismo anticapitalista, com toda a sua corrente, desde a década de 1970, de figuras latino-americanas como Gustavo Gutierrez, Leonardo Boff, Frei Betto, Pablo Richard, Bonino, Enrique Dussel, Juan Luis Segundo e Gotay. Escreve que a “*Teologia da Libertação é uma forte inspiração para movimentos sociais contemporâneos como o Neozapatismo do EZLN, e do MST no Brasil*” (p.165).

Pontua que, com a Teologia da Libertação, “*se tem a necessidade de redefinição da crítica marxista da religião*” (p.166), obrigando Michael Löwy a praticar um denso trabalho de leitura de textos revolucionários sobre o tema da religião, a fim de recompreender o “*fascínio dos teólogos da libertação pelo marxismo*” (p.173).

Enfim, as utopias do marxismo em Michael Löwy são intentos fundamentais para mudança social, mesmo que marcadas pelas contradições da realidade; contudo, paradoxalmente sempre abertas, experimentáveis, estimulando a “*imaginação a toda política radical*” (p.175). Por esse motivo, seu amigo Daniel Bensaid chamou-o de “marxista libertário”, como costumava desenhar sobre a obra de Walter Benjamin. Assim, no fim do livro, Fábio Mascaro Querido afirma que Michael Löwy “*destaca-se exatamente pela capacidade pouco comum de recolher diversas influências, cuja oxigenação mútua desestimula todo tipo de paralisia dogmática*” (p.179), levando a olhar “*autores do passado por outro olhar do político no presente*” (p.180). Nesse caso, a obra de Fábio Mascaro Querido sobre Michael Löwy destaca sua trajetória acadêmico-militante, reconhecida desde épocas primeiras, imbuído de múltiplo conjunto de ideias e aspirações. Faz isso no livro com competência, a partir de linguagem acadêmica, sem deixar de permitir a acessibilidade ao texto; por isso, saúda-se o esforço do autor quando pratica um difícil balancear de décadas de estudos, análises e obras de um dos intelectuais mais respeitados no mundo. O texto permite certa esperança de acesso sistêmico e denso à sociologia do pensamento revolucionário e das religiões na atualidade, podendo incentivar novas investidas de pesquisas sobre o pensamento revolucionário e social do franco-brasileiro. Que empreendimentos como esse de Fábio Mascaro Querido contribuam para rasurar com novas “heresias” lugares tão petrificados de certezas, como ocorre em parcela dos movimentos progressistas, por vezes perdidos em convicções vindas de leituras fundamentalistas de seus grandes autores e de suas “autoridades”.